

## Formatação de programas de tv e sua influência para a classificação do gênero

***José Carlos Aronchi de Souza***

***Uninove – Centro Universitário Nove de Julho/SP***

***UniSantos – Universidade Católica de Santos/SP***

***Mestre em Comunicação Social pela UMESP***

***Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP***

***E-mail: jcaronchi@uol.com.br***

**Resumo:** Esta pesquisa apresenta os *formatos* dos programas de tv de acordo com as características técnicas que acompanham cada gênero das sete redes de televisão brasileiras: Cultura, SBT, Globo, Record, RedeTV! (ex-Manchete), Gazeta e Bandeirantes. Os *formatos* dos programas da televisão foram identificados seguindo a classificação das próprias emissoras e pelos artigos de revistas e periódicos especializados até o ano de 2003.

**Palavras chave:** Televisão, Gênero, Formato

### **INTRODUÇÃO**

O estudo do gênero e dos formatos dos programas de tv exige uma compreensão do desenvolvimento da televisão sob vários aspectos, inclusive o tecnológico. A identificação dos recursos para produção de um gênero permite o reconhecimento da tecnologia de áudio, dos efeitos especiais no vídeo, do uso de equipamentos, enfim, das aplicações técnicas aprimoradas em várias produções, mesmo em canais diferentes. Com as informações sobre o desenvolvimento histórico de cada gênero, a abordagem conceitual e técnica dos recursos utilizados, e também com os resultados alcançados no vídeo, chega-se a um perfil da produção em televisão, permitindo ao produtor e diretor uma melhor compreensão do planejamento, organização, criação, implantação e desenvolvimento de programas.

A partir dessa perspectiva, traçamos os objetivos:

1. Identificar os formatos dos programas da TV brasileira, através de um estudo da programação das sete redes que transmitem para o Brasil via satélite sem codificação e retransmitem sua programação para a região da grande São Paulo em canal aberto VHF: Rede Cultura (Cultura), Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Globo de Televisão (Globo), Rede Record (Record), Rede TV! (ex Manchete), Rede Gazeta (Gazeta), Rede Bandeirantes de Televisão (Band).<sup>1</sup>

2 - Oferecer aos profissionais, professores e alunos envolvidos com as várias fases do processo de produção de programas de TV uma visão sobre as características dos formatos na categoria Entretenimento.

Para a identificação dos formatos tomou-se por base o boletim de programação das emissoras, as classificações publicadas nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S.Paulo e Revista Veja além da bibliografia existente sobre a teoria dos gêneros na televisão, incluindo periódicos e artigos especializados. Todo esse material de pesquisa corresponde ao período de 1994 a 2003.

### **FORMATOS DOS PROGRAMAS NA TV BRASILEIRA<sup>2</sup>**

Ao vivo, Auditório, Capítulo, Entrevista, Câmera Oculta, Episódio, Debate, Documentário, Dublado, Esquete, Game Show, Instrucional, Interativo, Legendado, Musical, Teletexto, Narração em Off, Noticiário, Mesa Redonda, Quadros, Reportagem, Revista, Seriado, Talk Show, Teleaula, Telejornal, Testemunhal, Videoclip, Vinheta, VoiceOver.

### **APLICAÇÃO DOS FORMATOS NA CATEGORIA ENTRETENIMENTO**

O formato do programa de auditório determina o espaço cenográfico necessário para este tipo de produção: palco e platéia que permitam a interação do apresentador com o público presente à gravação. É comum que o público participe de jogos e brincadeiras na platéia ou no espaço destinado ao apresentador.

<sup>1</sup> Entre parênteses estão os nomes divulgados pelas logomarcas das redes e que passaremos a utilizar nas próximas citações. Na cidade de São Paulo, os números dos canais em VHF são: 2 - Cultura, 4 - SBT, 5 - Globo, 7 - Record, 9 - Rede TV! (ex Manchete), 11 - Gazeta/CNT, 13 - Bandeirantes.

<sup>2</sup> O quadro completo desta pesquisa encontra-se em ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira – São Paulo: Summus, 2004. (a ser publicado em agosto/2004).

A sucessão de quadros musicais, entrevistas, jogos e atrações diversas fazem do programa de auditório um gênero que aceita facilmente vários formatos: há pequenas reportagens, debates, videoclipes e encenações que dão o ritmo da produção. Daí uma melhor denominação, que parte das emissoras, em classificar essas produções de programas de 'variedades'.

O sucesso do gênero estimulou outras experiências para vários públicos. O Programa Livre, apresentado por Serginho Groissmann, no SBT, foi desenvolvido para atingir o público adolescente-jovem. Programas humorísticos também utilizam o auditório como elemento de produção. Algumas produções classificadas na pesquisa como variedades (Hebe Camargo - SBT) ou entrevista (Jô Soares Onze e Meia - SBT), também utilizam o formato explorado pelo gênero auditório.

Esses programas podem ser monotemáticos, com pessoas do auditório intermediando reportagens e entrevistas ou, às vezes, o público é apenas um elemento contemplativo presente à gravação.

Os programas de variedades identificados na pesquisa, sem exceção, são formatados com auditório. Porém, os programas de variedades que não utilizam o auditório, normalmente formatam as produções com auditório para manter o clima alegre e promover maior interação do apresentador que passa a ser um *show man* ou *show woman*.

A TV Globo, por orientação da empresa, não permite a exibição de programas do gênero colunismo em nenhuma de suas emissoras afiliadas, pelo menos no formato tradicional com o apresentador indo a festas regularmente. Esse exemplo é próprio para estabelecer um critério que separa o programa do gênero colunismo social como entretenimento e demarca o território do gênero entrevista, classificado nesta pesquisa na categoria informação.

A edição das gravações também é outro fator que diferencia o colunismo social do telejornalismo. Desde que os cortes não interfiram no negócio fechado com o contratante, o apresentador edita e monta o programa preocupando-se em cortar as situações que embaracem o entrevistado e deixar os trechos que enaltecem o figurão, a instituição ou o produto que gerou a cobertura.

Essa edição é o elemento que o colunismo de um programa informativo. No informativo, o repórter ou apresentador pode questionar, debater ou até discordar do entrevistado em nome da informação. No colunismo social isso é inadmissível, o apresentador tem compromisso financeiro firmado com o entrevistado a curto ou médio prazo, por isso deve respeitar os limites entre a entrevista polêmica e a descompromissada da verdade, para não ferir os interesses de seu patrocinador que paga para aparecer bem. O entrevistado vai falar à vontade, não importa se a informação está correta ou parcial, desde que não ultrapasse a duração do programa, pois o horário da emissora está comprado pelo apresentador. O formato videoclip, com cenas rápidas dos presentes ao evento, é uma solução para mostrar o ambiente e agraciar os convidados com alguns segundos de fama, se o programa tiver audiência.

O formato talk show ambientado em externas é o mais aplicado ao gênero. Evidentemente, o colunismo se apropria do formato entrevista sem, no entanto, ter a pretensão de alcançar a credibilidade do gênero telejornalismo. É o puro entretenimento. A produção deve se preocupar com o figurino, mais do que em qualquer outro programa com entrevistas. Estar na moda, vestindo trajes que acompanham o ambiente (Amaury Jr. afirma ter 40 smokings para cobrir as festas, jantares, recepções, vernissages, coquetéis...) são importantes para que o programa não vire um talk show com apresentador descomprometido e despojado, que daria outro gênero à atração, como é o caso do paulistano Fausto Bessa no Piratas Urbanos, na Rede TV!. Por causa de suas trinta tatuagens e cinco piercings, sua cobertura fica restrita a festas mais descontraídas e, obviamente, barrado em festas *black tie*.

A produção do programa prepara os textos para o apresentador após uma pesquisa sobre os assuntos e pessoas que serão enfocados na cobertura. Isto evita gafes e, principalmente, as intermináveis respostas sem interpelação do apresentador que não conhece o tema tratado e se mostra impertinente e desinformado diante de ilustres e desconhecidos. Após o levantamento dos dados, a equipe de produção faz uma prévia com os entrevistados menos conhecidos porém importantes para o programa, e fornece as informações para o apresentador para que ele esteja completamente informado antes da entrevista. Esses elementos, resultados de investimentos na produção e rigor do diretor, é que garantiram o crescimento do pioneiro Amaury Jr. e aumentaram o respeito pelo seu profissionalismo.

Um apresentador bem informado, com perguntas pertinentes, que segue um roteiro na entrevista, evita o amadorismo e diminui a carga de improviso que imperam nos programas de baixa qualidade e proliferam nos canais regionais. Esse planejamento da cobertura aumenta o interesse da audiência, promove a intimidade do apresentador com o evento e, principalmente, com o entrevistado. A produção com qualidade, necessária para todos os gêneros, garante o clima de descontração e deixa uma marca de respeito e simpatia contagiante para o apresentador, próprios do gênero colunismo social. “Amaury confirmou seu prestígio porque é das figuras mais simpáticas e envolventes entre as dezenas de entrevistadores de programas como o seu que hoje pululam pela televisão. (sic) Esses programas foram gerados pelo *Flash*, **formato** que ele inventou e aperfeiçoou e sofre constantes reciclagens”.<sup>3</sup> Reciclagem é o que falta para as centenas de programas que copiaram a fórmula mas deixaram a atualização do formato no fundo do guarda-roupa. O cheiro de mofo é inevitável.

A TV ainda não tem cheiro mas pode ter sabor. É o que demonstra a tradicional *Cozinha da Ofélia*, um dos formatos mais antigos da televisão brasileira. Seu formato coloca a apresentadora em primeiro plano, demonstrando sua habilidade em realizar alguma receita diante da câmera. Também há programas do gênero culinário que percorrem o universo gastronômico das grandes cidades e apresentam os restaurantes, seus *chefs* e *maitres*, além de entrevistas com o proprietário. Silvio Lancelloti (Bandeirantes), um colunista da imprensa, marcou seu programa do gênero com vários formatos: entrevistas, demonstrações ‘ao vivo’ salpicado com *talk show*, dão um tempero especial ao gênero Culinário. O programa de variedades Ana Maria Braga (produzido pela Record e posteriormente pela Globo) introduziu vários segmentos culinários. A apresentadora imprimiu sua marca de degustadora, realizando uma *performance* debaixo da mesa da cozinha cenográfica, seguida de sua aprovação e recomendação da receita preparada ao vivo, durante o programa.

Algumas emissoras classificam seus desenhos animados como Série, o que aponta para a principal característica deste gênero quanto a sua formatação. O gênero é produzido em escala industrial, e comercializados em pacotes formando uma série de desenhos de pequena ou média duração (de cinco minutos a meia hora). Os desenhos de longa duração passam para um formato que é programado como um especial. Há os

que foram produzidos para o cinema e acabam fazendo parte de pacotes comprados pelas emissoras. O Brasil também realizou experiências com a produção de desenhos animados de curta duração. Diretores brasileiros desenvolveram suas produções para programas infantis nas tvs Globo (programa TV Colosso) e Cultura (programa Glub-Glub).

O desenho animado passou a fazer parte dos gêneros jornalísticos na televisão ao assumir o formato de charge animada, enfocando principalmente as questões políticas e assuntos de interesse público. A charge animada pode ser sonorizada, com trilha sonora e narração em off, deixando a atração ainda mais próxima do gênero humorístico com conotação política. Artistas, cartunistas e humoristas de renome já aderiram ao gênero e assinam suas charges, cartuns ou desenhos já consagrados no novo formato animado para televisão. É o caso de Chico e Paulo Caruso, Angeli, Dorinho, entre outros, que desenvolveram ou adaptaram seus trabalhos para vinhetas de televisão e ilustração de notícias de telejornais.

A ampla utilização do gênero Desenhos abre espaço também para a animação brasileira. Vários canais internacionais já procuram no Brasil novos talentos para produção de desenhos animados utilizados em aberturas de programas, videoclips, séries e charges animadas. A animação é o formato ideal para esses gêneros porque obriga a síntese de idéias. O cartunista é um dos mais recentes exemplos de como um artista independente pode iniciar o trabalho em uma emissora porque ele depende de poucos equipamentos de custo cada vez mais reduzido. Vários programas, como o seriado Sãos e Salvos, da Cultura, os atores contracenam com desenhos. Isso promove um entrosamento perfeito entre dois gêneros de sucesso, utilizando os mesmos formatos: teledramaturgia e o desenho.<sup>4</sup>

O gênero docudrama surgiu na esteira dos seriados que fizeram sucesso com o tema policial. Crimes hediondos, desastres, acidentes, mortes, contravenções penais, ações policiais de sucesso, são alguns dos mais requisitados assuntos dos roteiros dos programas do gênero Docudrama. Nesse sentido, os formatos séries e os telejornais segmentados nos assuntos policiais dão ao Docudrama um espaço garantido em horário nobre nas programações das tvs voltadas para um público mais popular. O radialista Gil

---

<sup>3</sup> BRANDÃO, Ignácio de Loyola. As histórias do Amaury Júnior. Crônica. O Estado de S.Paulo, 03/10/1999. p. C2.

<sup>4</sup> Suplemento Telejornal. O Estado de S.Paulo, 09/07/2000.

Gomes desenvolveu o formato no rádio, levou para a televisão e possui vários seguidores, entre eles, o repórter Marcelo Rezende e seu apavorante Linha Direta que apresenta casos reais reconstituídos. Pavor é o que não deve faltar para a fórmula, pois o Docudrama é uma oportunidade para o apresentador em estúdio realçar o ponto alto do programa que enfoca sempre o drama vivido por cidadãos comuns e pode fazer parte do cotidiano das pessoas. O que mais apavora é que o docudrama mantém a audiência cativa nos formatos seriados e também é utilizado pelo gênero Religioso para convencer a audiência a se arrepender de pecados apresentados pelos protagonistas das histórias de vida perversas. Em muitas produções o docudrama apresenta-se como uma prestação de serviços, no caso de focar histórias de pessoas desaparecidas, por exemplo. A fórmula pode ser aplicada para fins não sensacionalistas. O docudrama pode ser utilizado por programas educativos e instrutivos ou com o objetivo de apresentar soluções para problemas cotidianos.

A proximidade com o gênero telejornalismo, já sugere uma formatação para o gênero esportivo. O programa mantém apresentadores, repórteres, entrevistas em estúdio em padrões adotados pelos telejornais da emissora. O formato documentário também é adotado pelas redes que mais investem no gênero esportivo, pois demonstram sua disposição em investir em produções da área dentro da estrutura de programação. O formato debate também faz parte do folclore esportivo e está presente em praticamente todas as redes. O mais antigo programa de debate esportivo, Mesa Redonda (Gazeta) leva no nome seu formato. O formato mesa redonda é também utilizado em outras redes, na Cultura (Cartão Verde) e na Bandeirantes (Apito Final). Os três apresentam comentários dos jogos mais recentes e debatem com jogadores, esportistas, dirigentes e torcedores aquilo que ocorreu durante as partidas. É o chamado tira-teima do esporte.

Os filmes americanos produzidos para tv estão divididos basicamente em três formatos: seriados, teleproduções, docudrama e as mini-séries.<sup>5</sup> No Brasil ficaram conhecidos as séries de detetives, que substituíram os filmes de bang-bang, e os policiais, com muita ação e aventura. As explosões e os acidentes automobilísticos são atrações constantes neste gênero que tem público cativo no mundo todo e em boa parte da programação das emissoras brasileiras.

---

<sup>5</sup> EDGERTON, Gary. The American Made-for-TV Movie. in TV Genres, op. cit. p. 152.

O cinema brasileiro de todas as épocas tem lugar na programação de algumas emissoras, como o Cine Brasil (Cultura). A tv cada vez mais abre espaço para as novas produções. Experiências combinadas com filme e tv, como Confissões de Adolescente (Cultura) fazem parte da estratégia para alavancar a indústria cinematográfica nacional.

Por ser um programa pronto e acabado, comprado das distribuidoras em lotes ou pacotes com várias produções, a emissora pode programar a exibição de acordo com critérios de audiência. Desde 1996, os telespectadores escolhem por telefone o filme que será exibido no dia seguinte no programa Intercine (Globo, 23h10). É uma nova forma de garantir a audiência, buscando agradar a maioria.

O formato de game show mais comum é o de auditório, com os competidores no palco disputando entre si (Roletrando, no SBT). Apresenta um convidado famoso contra outro, ambos formulam perguntas ou pedem ao adversário para fazer algo. Esse tipo de programa, somente de perguntas e respostas, também é classificado por Quiz Show. Alguns programas personalizados (Xuxa, Silvio Santos e Faustão) carregam nos seus longos programas alguns segmentos de games, e desenvolvem junto com os seus shows. O Brasil já explorou todas as faces do game show. Desde brincadeiras sadias e inteligentes até as eróticas. Diferente de qualquer Game Show americano, no erótico “Cocktail” (comandado pelo showman Miéle), as assistentes e convidados do programa tiravam a roupa à medida que acertavam ou erravam as perguntas. O elenco chegava seminua ao fim do programa. Ia ao ar nas madrugadas na rede SBT. O formato vem da Itália, mas a produção era genuinamente brasileira.

Os formatos aplicados ao humor na tv seguem vários estilos, de tradicionais, como os de auditório, aos mais ousados, como os documentários ou entrevistas. Os profissionais do humor brasileiro são parte da história do gênero. Moacyr Franco, Ronald Golias, Os trapalhões - Dedé, Didi, Mussum e Zacarias - Chico Anísio, Jô Soares, quase todos tiveram seus programas que levavam seus nomes. Era uma forma da emissora divulgar o programa, que vem com um formato de sucesso já conhecido do público.

Os formatos mais utilizados pelos humorísticos são os de auditório, como o Sai de Baixo (Globo) e os quadros ou esquetes como o A Praça é Nossa (SBT) e Casseta&Planeta (Globo), este com vários formatos internos - reportagens, telejornal, clips e outros. Os Trapalhões (Globo) é um programa humorístico voltado principalmente

para crianças, mas que persegue também o público adulto, com algumas piadas picantes e de apelo sexual disfarçadas de humor. Atualmente é o programa que cabe em qualquer horário da grade e atende várias faixas etárias, contabilizando dezenas de reprises de alguns programas produzidos há mais de uma década.

O humorismo passa a ser o coringa da programação, pois já foi do horário nobre, com apresentação somente aos domingos, já esteve de segunda a sábado e na grade de 1996 aparece na hora do almoço. O gênero e o formato são bem maleáveis ao comportamento da audiência e suas reprises são incontáveis. Historicamente, fazer rir sempre deu resultado, tanto que *“Aristóфанes e Platão, na Grécia clássica, utilizavam-se do riso para fustigar a sociedade de sua época.”*<sup>6</sup>

O Sítio do Pica-pau-amarelo, Vila Sésamo e Castelo Rá-tim-bum são produções do gênero infantil, nos formatos capítulos e seriados, que marcaram época e influenciaram o gênero. Programas como Pullmann Júnior (1967, Excelsior, canal ocupado em São Paulo pela rede Manchete atual Rede TV!) teve seu formato copiado por muitos outros canais. É o formato ao vivo e de auditório, com entrevistas, brincadeiras e atrações controladas por uma apresentadora (em raros casos são homens) ou personagens fantasiados de bichos e palhaços. Os desenhos são parte da programação infantil, que vêm acompanhados de filmes estrangeiros.

Quadros com personagens desenvolvidos por autores nacionais, exploram o folclore e as brincadeiras lúdicas, algumas estimulando a criatividade e ensinando a construir brinquedos e a utilizar materiais como papel, tinta e madeira. Os game shows também são utilizados para prender a atenção de quem assiste. A criança pode participar em casa ou torcer por um competidor ou equipe convidada para o programa. Musicais também são freqüentemente produzidos.

O formato dos programas interativos ainda se restringe ao apresentador ao vivo no estúdio informando o placar das ligações telefônicas com os votos do público. A entrevista também é utilizada para instigar o público a um palpite sobre o final do capítulo. Neste caso, o público está na rua e a entrevista entra ao vivo, durante os

---

<sup>6</sup> BARBOSA FILHO, André. *Gêneros Radiofônicos - Tipificação dos Formatos em Áudio*. Tese, São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996, p.76.

comentários do apresentador, no intervalo da trama. Os formatos utilizados neste gênero interativo agilizam a produção e mudam de cenário, do irreal para o real.

Alguns programas com votação por telefone são acusados pela imprensa de camuflar os resultados por meio de porcentuais, nem sempre filtram a repetição de ligações e costumam usar amostras sem perfil claro do telespectador. Para evitar vários votos em uma mesma opção gerado pelo mesmo número de telefone, a emissora deve pedir ao prestador de serviços o bloqueio dessas chamadas. Isto aumenta o custo de produção e nem sempre ocorre porque bloquear várias chamadas de um número impede que pessoas da mesma casa façam seus votos.<sup>7</sup> Na fórmula criada para o programa *Você Decide*, da Globo, a cada bloco a opinião do público pode mudar. O formato fez sucesso e foi exportado para vários países. Uma fórmula interativa foi planejada para fazer parte de uma novela da Record. Em *Primeiro Amor*, o público podia manda suas perguntas pelo telefone ou e-mail e a personagem da novela, uma locutora de rádio, respondia com conselhos sentimentais aos ouvintes.<sup>8</sup>

Os festivais de música entre 1965 e 1969 nas redes Record e na extinta tv Excelsior (que já foi rede Manchete e atual Rede TV! em São Paulo), os programas *O Fino da Bossa* (1965) e na TV Rio, nos anos 60, o *Carrossel*, foram algumas produções musicais que contribuíram para a consolidação do gênero musical e dos seus formatos na tv brasileira. Qualquer que seja a forma de transmissão do programa, a intenção dos musicais é dar a impressão de *ao vivo*, independentemente do ano de produção ou se o programa é inédito ou reprise. O público dos programas musicais passa a ser um elemento indispensável. Por isso, a formatação de um programa do gênero musical com auditório, como o *Sabadão Sertanejo* (SBT), *Som Brasil* (Globo), *Viola Minha Viola* (Cultura), é a mais tradicional. Os shows com público, como o *Bem Brasil* (Cultura), produzidos e gravados em locais de maior dimensão, como praças ou estádios, também aparecem como elemento de valorização do artista e de aquecimento do espetáculo. A cobertura de eventos musicais, como shows e apresentações públicas, ao vivo, permitem também as entrevistas e reportagens. O videoclipe também faz parte de uma formatação produzida com frequência pelas redes. Neste formato, algumas redes apenas transmitem produções realizadas pelas próprias gravadoras.

---

<sup>7</sup> Suplemento Telejornal. O Estado de S.Paulo, 16/07/2000.

Alguns autores classificam a Teledramaturgia como um gênero que possui vários formatos. Neste estudo, os **formatos da Teledramaturgia** estão classificados em Capítulo, Dublado, Episódio, Esquete, Quadros e Seriado distribuídos nos gêneros Novela, Minissérie, Docudrama, Infantil, e Sitcom. Apesar da ligação histórica, existem alguns pontos que acentuam as diferenças entre a soap opera americana e a telenovela brasileira: 1 - A soap opera americana pode continuar por vários anos, enquanto a novela brasileira tem de 150 a 180 capítulos que duram em média seis ou sete meses. 2 - A programação da novela brasileira é diária enquanto as soap operas têm sua periodicidade mais elástica. 3 - A telenovela agora está muito próxima da vida, do dia-a-dia do brasileiro. As telenovelas brasileiras incluem uma forte dose de realismo.

As telenovelas buscam vários públicos com a mesma fórmula. É a receita do SBT, com suas novelas voltadas para o público infantil (Chiquititas), e da Globo, com suas produções apresentando temas de interesse do jovem e adolescente (Malhação). O formato utilizado pelo gênero novela é praticamente o mesmo em todas as redes: capítulos diários, seqüenciados, com duração média de 30 a 40 minutos.

O gênero Quiz Show utiliza em praticamente todas as produções o formato auditório. Em algumas produções, o público do estúdio é chamado a participar do programa, juntamente com artistas e o telespectador. Apresentador em estúdio mediando o jogo é necessário para manter as regras bem como controlar a duração do programa. Por ser um programa no qual são necessários vários elementos de produção que podem atrasar o desenvolvimento dos jogos, algumas redes escolhem o formato gravado ao vivo. O Quiz Show também possui as características do gênero Game Show, por isso a dinâmica apresentador-auditório-convidados deve estar em perfeita sintonia para que o programa promova o interesse de quem assiste passivamente, quando não há possibilidade de interação.

O voyeurismo é o argumento principal para o programa Big Brother Brasil, por isso a formatação direciona as câmeras e todos os recursos possíveis para oferecer ao telespectador a melhor imagem e som com as atividades e reações dos participantes que estão sendo vigiados. O gênero reality show carrega o formato game show, no qual os participantes passam por provas de resistência ou esperteza, regularmente, e inteligência, raramente. Outro formato utilizado é o interativo, para incentivar o público a

---

<sup>8</sup> Suplemento Telejornal. O Estado de S.Paulo, 17/09/2000. p. 16

interagir com os participantes ou mesmo prejudicar a vida de alguém que não transmite simpatia, eliminando-o do programa. A entrevista também é um formato preparado para dar voz aos participantes e realçar desavenças observadas pelo público. A narração em off sobre imagens do programa valorizam alguns aspectos para chamar a atenção da audiência. O formato videoclipe é aplicado para dar um clima especial em determinadas situações, como por exemplo nas relações amorosas entre os participantes.

Os programas do gênero reality show seguem uma formatação de capítulos diários como se estivessem seguindo um roteiro, dado a previsibilidade do desgaste das relações e das tramas estimuladas pela direção do programa. Seguir o programa ao vivo, nos canais pagos ou pela Internet, não têm o mesmo ritmo, por isso a maior audiência permanece no horário de encontro entre o apresentador e os participantes, durante o qual são exibidos 'os melhores momentos do dia'. Ou melhor, os piores momentos que promovem a tensão dos confinados. No Chile, um programa mostrava uma pessoa trancada em uma casa de vidro no meio da rua, era uma versão de reality show que chegou fazendo sucesso no Brasil. Para inserir a "tv realidade" no ar a rede Bandeirantes fez uma versão semelhante, com uma personagem que passa o programa dentro de uma jaula transparente com várias câmeras que podem ser acessadas pela Internet. Uma mistura de Big Brother com webcams.<sup>9</sup> Os reality shows também permitem variações no formato e na interatividade. A DirecTV ao exibir o programa Casa dos Artistas implantou o recurso de multicâmeras com três canais exibindo pontos diferentes da casa. A Sky/Net ofereceu aos seus assinantes um menu com textos sobre o programa, um mapa da casa e o resultado das enquetes. A busca de formatos é a arma das emissoras para diferenciar programas do mesmo gênero.<sup>10</sup>

Nos programas do gênero revista pode-se ver vários formatos: telejornalismo, quadros humorísticos, musicais, reportagens, enfim, assuntos diversos como se pode ler numa revista impressa. A formatação do gênero revista fica muito próximo dos programas de Jornalismo e Variedades, tendo como diferencial uma postura mais comprometida com a categoria informativa. Nesse aspecto, a aplicação do conceito de infotainment, a informação unida ao entretenimento, passa a ser a linguagem utilizada para atrair a audiência. A notícia passa a ser mostrada como um espetáculo e fica

---

<sup>9</sup> CROITOR, Cláudia. SALLUM, Érika. Novas atrações oferecem mais do mesmo. TV Folha, Folha de S.Paulo, 24/09/2000. p. 12.

próxima de um show de informações.<sup>11</sup> Outra diferença evidente fica na apresentação. No programa de Variedades, o apresentador recebe a tarefa de animar a atração juntamente com um auditório, enquanto que a apresentação no gênero revista é descontraída porém mais comportada. Pode-se mudar os apresentadores do gênero revista com mais facilidade do que no programa de variedades, nos quais o apresentador é uma marca do programa, muitas vezes batizando-o inclusive com o próprio nome. Um ou dois apresentadores tem sido a fórmula mais utilizada nas revistas eletrônicas, um substantivo que define ainda mais o caráter informativo do gênero que normalmente é formatado como um telejornal, com reportagens, prestação de serviços, entrevistas, comentaristas e, para descontrair, enfoque nas artes, espetáculos e lazer.

Os documentários realizados pela BBC de Londres e por outras produtoras européias atingem o *status* de série porque sustentam um assunto por vários segmentos. As séries históricas e de época são formatadas em capítulos de duração limitada. Os EUA desenvolveram o gênero Séries em episódios independentes. Séries dramáticas em episódios vieram para consolidar a indústria dos gêneros da TV por causa da sua popularidade e estabilidade. É um formato padrão relativamente fácil de produzir. Algumas séries saíram de filmes comerciais - Os Intocáveis (Gazeta/CNT), Zorro, (Record), Superman e Combate Mortal (Globo), Família Adams (SBT) - e permanecem no ar por décadas. Séries de desenhos para o público infantil (As Aventuras de Tintim - Cultura), documentários com assuntos de interesse geral (Os Bichos - Cultura), e educativos (Viaje al Español -Cultura) são alguns exemplos de programas que fazem da série um formato. Nesse caso, fundem-se os gêneros e formatos, de acordo com o interesse da rede ao divulgar seus programas. As séries com roteiros definidos por sitcoms, policiais, paranormais, romances intermináveis, adolescentes, médicos, é um gênero muito bem aceito pelo público dos canais pagos. Ironia, sarcasmo, apelo sexual, relações conjugais, mulheres bonitas, esses são os ingredientes para atrair o público que fica meia hora na frente da tv. Quando termina o contrato de exibição em um canal, as séries importadas dos EUA e Europa migram para outra rede e carregam uma audiência que já foi testada em exibições anteriores. Com isso, a venda do espaço comercial fica bem demarcada quanto ao público-alvo que já assistiu ao programa e, espera-se, ganhe mais adeptos. Muitas estrearam na tv paga e depois de esgotado os capítulos originais são vendidos em pacote para a tv comercial. É

---

<sup>10</sup> Suplemento Telejornal. O Estado de S.Paulo, 09/07/2000.

<sup>11</sup> ARBEX JR., José. Shownalismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

o caso de Anos Incríveis (Cultura), Arquivo X (Globo), Ally McBeal da Fox exibido pela TV Gazeta.<sup>12</sup>

O formato das séries brasileiras segue a fórmula de produção de capítulos. As minisséries têm continuidade no dia seguinte, como as novelas, porém com duração reduzida (Chapadão do Bugre - Bandeirantes). As menestréis brasileiras têm em média, de cinco a vinte capítulos seqüenciados. Obriga o telespectador a acompanhar os capítulos para entender a trama, porém sem muita complexidade que exclua a audiência rotativa. As séries, com capítulos independentes, mantêm as mesmas personagens mas muda a estória. Tem começo e fim no mesmo capítulo e não exige conhecimento das personagens. Por este motivo permite que sua periodicidade seja aumentada. Pode ser programada para exibir um capítulo por semana, quinzena ou mês. Os capítulos duram de 30 minutos à uma hora.

A produção de uma sitcom prevê a contratação de elenco fixo, construção de cenários e por isso apresenta um custo elevado que deve ser diluído com uma série de programas, gerando a economia de escala. Nesse aspecto, o formato série com os roteiros estabelecendo capítulos que possam alavancar uma audiência cativa e também os telespectadores ocasionais, são basicamente os dois formatos mais utilizados pelo gênero. No Brasil, esquetes de humor com curta duração também são utilizados pelo gênero. Nesse aspecto está demarcado a adaptação da tv brasileira ao gênero de maior sucesso nos EUA, que ganha o mundo também no formato filme.

Infelizmente, a cópia tem sido o elemento mais encontrado nos programas do gênero talk show brasileiros. O programa do Jô traz o mesmo cenário do talk show americano 'Late Show' apresentado por David Letterman nos EUA. Inclusive a caneca. O formato permite variações, porém o que se vê são cópias variadas de programas de sucesso. O gênero pode contar com os formatos auditório, musicais e até humor. Porém, o ingrediente principal é o formato entrevista, dando tempo para o entrevistado expor suas idéias. Porém, isso tem sido deixado de lado: *"a mistura de talk show com show sufoca a fala e é um risco para o bom conceito da fórmula"*.<sup>13</sup> Os mais recentes programas com os apresentadores em pé, como Adriane Galisteu e Luciana Gimenez, dão o tom do show e não permitem que a fala do entrevistado seja a atração principal.

---

<sup>12</sup> TV Folha, Folha de S.Paulo, 04/11/2001.

Jô Soares reiniciou a fórmula que começou com Ferreira Netto, no fim dos anos 70. Quando o programa estava no SBT dava mais tempo para a conversa. Já na Globo, a produção valorizou o show, com músicas, apresentações artísticas, trechos de filmes, caixotes de reclamações, e assim deixa a entrevista como mais um formato, não o único e talvez nem o principal.

O auditório com apresentador ao vivo é o formato mais usado pelo gênero auditório. Mas o gênero permite variações que vão dos musicais à teledramaturgia, com participação do público no estúdio e de convidados. Quando possível, não dispensam o formato interativo. Aliás, interação é a fórmula mágica, aplicada de maneira das mais surpreendentes: *“Silvio Santos, em Rainha por um Dia, promovia o desfile de miseráveis, que contavam suas penas. Cabia ao auditório escolher a história mais triste. A mais desgraçada, a mais infeliz, era eleita “Rainha por um dia”.* <sup>14</sup> O remake não assumido, com algumas variações no processo de escolha da “Princesa” é produzido desde 2003 pelo apresentador Netinho, na Rede Record.

O formato entrevista em estúdio e o de reportagens também reforçam as atrações. Trechos gravados e inseridos durante o programa permitem que o apresentador se recomponha e possibilitam corrigir o roteiro de uma produção que ganha a audiência pelo dinamismo. Musicais e quadros humorísticos, associados a game shows ou quiz show também aquecem a produção. É um gênero com formato *vale tudo*, que também pode, inclusive, montar um ringue para uma luta de vale-tudo. Criatividade e bom senso para a direção do programa são elementos chave num programa que pode se perder ou pela falta ou pelo excesso de atrações.

Os capítulos e os episódios do Western e de todos os gêneros que se seguiram eram o formato ideal para a emissora adquirir em pacotes, negociando a reprise que, em alguns casos, era interminável. A Record ainda se vale desta época de outro, quando ficou conhecida como a tv das séries. Os westerns mais famosos viraram filmes e vice-versa. Giulliano Gemma fez sucesso como um galã do faroeste e foi idolatrado em inúmeros longa metragens que foram exibidos na TV. As duas telas, grande e pequena, nos vários formatos, episódios e séries, foram beneficiadas com as histórias de matança de índios e tombos espetaculares de cavalos e carruagens no velho oeste americano.

---

<sup>13</sup> PRIOLLI, Gabriel. Senta, levanta. Suplemento Telejornal, O Estado de S.Paulo, 29/07/2001. p. T2.

<sup>14</sup> SODRÉ, Muniz. A comunicação do grotesco – Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1972. p. 73

## CONCLUSÕES

Não há neste trabalho a pretensão de apresentar os conceitos finalizados, visto que há muito o que pesquisar em inúmeros aspectos: histórico do desenvolvimento internacional dos gêneros nas mídias visuais eletrônicas, registros da programação da TV (brasileira e estrangeira), análise do comportamento da audiência perante os gêneros e seus formatos são alguns aspectos que merecem ser enfocados em outros trabalhos.

O ponto principal desta pesquisa foi identificar os formatos como um elemento fundamental para a classificação do gênero. Formato é a linguagem desenvolvida pelo meio televisado para dar forma e transmitir um gênero de programa de televisão. Conclui-se que um mesmo programa de televisão pode ser classificado em várias categorias, gêneros e também pode possuir vários formatos. Há gêneros que são verdadeiros tapa-buracos na programação, como os Humorísticos, podendo estar em vários horários da grade. Muitas vezes, a emissora ou o jornal divulga o formato e não o gênero. É o caso das séries, as quais não divulgam o gênero. Ou telejornal, um formato do gênero jornalístico que também apresenta outros formatos (documentário, debates, entrevistas...).

Se aceitarmos a afirmação de Todorov de que “novo gênero é sempre a transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação...”<sup>15</sup>, podemos nos acostumar com a conta da tv por assinatura para assistir ao novo programa, o de sempre. Quem vai pagar para não ver?

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA , Candido José Mendes de. in *TV ao Vivo-Depoimentos*. Organizadores: Claudia Macedo/Angela Falcão/Candido José Mendes de Almeida. Editora: Brasiliense, 1988. São Paulo - SP.
- ALMEIDA, Candido José Mendes de. *O que é Vídeo*. São Paulo, SP, Editora Brasiliense, 1984.

---

<sup>15</sup> TODOROV, Tzvetan. Os gêneros do discurso. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p.46.

- ARBEX JR., José. Shownalismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2002.
- ASSMANN, Hugo. *Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- AVANCINI, Walter. "Estética na Televisão". In *TV ao Vivo Depoimentos-Org.*: Cláudia Macedo/Angela Falcão/Candido José Mendes de Almeida. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988.
- BARBOSA FILHO, André. *Gêneros Radiofônicos - Tipificação dos Formatos em Áudio*. Tese, São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996, p.76.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões. (org.) *Gêneros Ficcionalis - Produção e Cotidiano na Cultura Popular de Massa*. São Paulo, Intercom, 1994.
- CARROLL, Raymond. Television Documentary in ROSE, Brian, *TV Genres*. op. cit.
- CLARK, Walter. *Um pouco de história e de reflexão sobre a televisão brasileira*. In *TV ao Vivo Depoimentos - Org.*: Cláudia Macedo/Angela Falcão/Candido José Mendes de Almeida. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988.
- COMPARATO, Doc. *Roteiro*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Nórdica, 1983.
- DAVIS, Desmond. *Produção em Televisão*. São Paulo, SP, Editora Agir, 1975
- EDGERTON, Gary. *The American Made-for-TV Movie*. in ROSE, Brian. *TV Genres*, op. cit. p. 152.
- FILHO, Daniel. *Criatividade - Novas idéias em televisão*. In *TV ao Vivo Depoimentos*.
- FITERT - Federação Interestadual dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão. *Manual do Radialista*. São Paulo, Fitert, 1992.
- FRECCERO, Carlo. La TV senza mito. In *Le Television in Europa*. Vol. 1. Torino. Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli. Torino. Itália. 1990.
- FURTADO, Rubens." *Programação I - da Rede Tupi à Rede Manchete, uma visão histórica*". In *TV ao Vivo Depoimentos-Org.*: Cláudia Macedo/Angela Falcão/Candido José Mendes de Almeida. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988.
- KAMINSKY, Stuart M. *American Television Genres*. Chicago. Edit. Nelson-Hall Chicago. 1985.
- LEWIS, Colby. *Manual do Produtor de Televisão*. São Paulo, SP. Editora Cultrix, 1972
- LINS E SILVA, Carlos E. *Muito Além do Jardim Botânico*, São Paulo, Summus, 1985.
- MELO, José Marques de. *As Telenovelas da Globo - Produção e Exportação*. São Paulo. Summus. 1988.
- MICELI, Sérgio. *A noite da Madrinha*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.

- NASSAR, Silvio Julio. *Mil Perguntas: Televisão*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Rio, 1984.
- PIGNATARI, Décio. *Signagem da Televisão*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- PRIOLLI, Gabriel. *A Tela pequena no Brasil Grande*. in *Televisão e Vídeo*. Rio de Janeiro. Zahar. 1985.
- REIMÃO, Sandra (coord.). *Em Instantes - notas sobre a programação na TV brasileira (1965-1995)*. São Paulo, Faculdades Salesianas, Cabral Editora Universitário, 1997.
- ROSE, Brian. *TV Genres*. Connecticut, Wesport (EUA), Greenwood Press, 1985.
- SODRÉ, Muniz. A comunicação do grotesco – Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1972. p. 73
- TODOROV, Tzvetan. *Os Gêneros do Discurso*. São Paulo. Martins Fontes, 1980.
- WATTS, Harris. *On Camera - Curso de Produção de filme e vídeo da BBC*. São Paulo. Summus. 1990.
- WOLF, Mauro. *I Generi e Mass Media*. In BARLOZZETTI, Guido. *Il Palimpsesto*. Milano, Franco Angeli, 1986.
- WURTZEL, Alan. *Television Production*. New York, EUA, McGraw-Hill, 1985.